
Entre Gumbrecht e Adorno: pensando a estética da presença no contexto da Indústria Cultural

Resumo: Este trabalho visa apresentar uma proposta de trabalho que vem sendo implementada no CEFET-MG Campus Timóteo, nas disciplinas de Educação Física ministradas para os cursos integrados do Ensino Médio. Essa proposta tem como norte trabalhar a relação entre esporte e estética, buscando elucidar suas possibilidades e limitações no contexto na sociedade contemporânea. Como fundamentação teórica do trabalho, tem-se a obra “Elogio da beleza atlética” escrita por Gumbrecht, na qual o autor busca responder a questão: “Por que gostamos de esporte?”. O autor alicerçado no conceito Kantiano de arte elabora uma teoria própria acerca da fruição estética nas práticas esportivas, cunhando o conceito “perder-se na intensidade da concentração”. Além disso, o trabalho se fundamenta também nos textos de Theodor Adorno, principalmente na ideia de Indústria Cultural, que auxilia a compreender a forma como a fruição estética encontra-se alterada nos dias atuais. Desse modo, essas discussões perpassam todo o currículo de Educação Física do Ensino Médio, tendo foco central os bimestres em que o tema esporte é trabalhado. O norte do trabalho, portanto, é buscar desenvolver uma sensibilidade estética nos discentes, de modo que possam fruir do esporte como propõe Gumbrecht, considerando, contudo, as adversidades e limitações colocadas no contexto de produção de cultura no formato Industrial.

Palavras-chave: Indústria Cultural; estética; esportes.

Carlos Augusto Magalhães Junior

CEFET-MG Campus Timóteo

MAGALHÃES JR., C.A. Entre Gumbrecht e Adorno: pensando a estética da presença no contexto da Indústria Cultural. In: Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino, 1, 2017. Timóteo. *Atas da [...]*. Timóteo: CEFET-MG, 2017, p. 42-48. Disponível em: <http://www.lite.cefetmg.br/publicacoes/publicacoes-da-1a-lite/>. Acesso em: ...

Este relato tem como objetivo narrar, a partir do ponto de vista do professor, uma experiência didática que vem sendo desenvolvida no CEFET-MG Campus Timóteo, na disciplina de Educação Física. Nesse sentido cabe uma contextualização do narrador. Durante seu trajeto de Licenciatura em Educação Física e mestrado em Educação ambos pela Universidade Federal de Lavras, temos um caminho tortuoso de muitos questionamentos e incertezas sobre a escolha. Questionamentos esses que, por sua vez, levaram à busca de ambientes alternativos de formação, que foram além das salas de aula. Assim, a compreensão desenvolvida sobre a Educação e, sobretudo, sobre a Educação Física, tem como base a formação possibilitada por esses espaços, tais como movimento estudantil e Grupos de Estudos (com destaque para o Grupo de Estudos e Pesquisas Teoria Crítica e Educação).

Olhando para a Educação Física, podemos perceber como ela passou por diversas modificações durante seu percurso histórico. Inicialmente inserida nas escolas na década de 1920

como o nome de Ginástica e posteriormente vestindo o discurso higienista, a disciplina cumpriu papel de mera reprodução de exercícios para a melhora da saúde (DARIDO, 2003). Somente com a chegada dos ideais da Escola Nova, podemos afirmar que a disciplina começou a se orientar por uma perspectiva mais humana e menos biológica. No entanto, esse movimento foi freado pelo Golpe Militar que instaurou no Brasil uma Ditadura (1964-1985). Isso porque o governo militar via no esporte um elemento importante de propaganda de seu regime, e assim entendia a Educação Física Escolar como um espaço propício à formação de atletas. Desse modo as aulas de Educação Física passaram a se configurar como um locus de formação de atletas, reproduzindo na escola o modelo do esporte de alto rendimento. Com a reabertura política do Brasil, iniciada principalmente na década de 1980, temos o questionamento desse modelo de aula, que passa a ser associada à adaptação irrefletida à sociedade capitalista (DARIDO, 2003). No seio dessa crítica, temos correntes diversas de pensamentos, com diferentes bases epistemológicas, porém, como aponta Daolio (2007), há um ponto em comum entre essas correntes: a proposta de pensar a disciplina pelo viés cultural. Assim, embora não seja consenso, vemos a partir desse período uma tendência de pensar a Educação Física escolar tendo como norte a ideia de “Cultura Corporal”.

Esse termo, por sua vez, foi citado pioneiramente pelo que ficou conhecido com Coletivo de autores, um grupo de pensadores marxistas que se organizaram para propor um novo modelo de Educação Física. Originalmente o termo foi conceituado como:

o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como forma de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 26)

Esse marco teórico importante para a Educação Física Escolar, ao invés de resolver o problema da disciplina, cumpriu importante papel de direcionar as discussões para o conceito de cultura. Contemporaneamente parece ser consenso, em que pesem as diferenças conceituais das quais este trabalho não se preocupava em aprofundar, pensar a Educação Física Escolar a partir desse conceito. Em outras palavras, percebemos de forma mais clara o papel da Educação Física Escolar, qual seja: propiciar o aprendizado dos elementos constituintes da Cultura Corporal: Esportes, Ginásticas, Lutas, Danças e Brincadeiras. Contudo, emergem algumas questões àqueles que se propõe a trabalhar a disciplina no contexto escolar: O que seria ensinar a Cultura Corporal? Como no contexto atual o ensino desses elementos pode colaborar para uma formação crítica? O que seria essa formação crítica? Tais questões, se apresentam como desafiadoras e no intuito de refletir sobre as mesmas recorreremos a fundamentação de alguns pensadores.

Referencial teórico

Entre os muitos autores que se propuseram a pensar a modernidade, podemos destacar um grupo que ficou conhecido como Escola de Frankfurt. Inicialmente formado por pensadores de formação marxista, esse grupo, diante da realidade da Revolução Soviética e da ascensão dos demais governos autoritários, buscou repensar alguns conceitos propostos por Marx, a

partir do diálogo com pensadores até então tidos como opositores ao pensamento do filósofo alemão. Entre eles podemos citar Freud, Nietzsche, Kant, Marquês de Sade etc. Uma das tarefas enfrentadas pelos teóricos da escola de Frankfurt foi entender por que a modernidade, ao invés de propiciar o esclarecimento e a melhoria de vida aos indivíduos, acabou por desembocar na barbárie.

Essa questão foi minuciosamente analisada por dois dos autores desse marco teórico: Adorno e Horkheimer. Como fruto de suas reflexões, os autores publicaram uma obra que colocou em xeque a maneira de pensar da civilização moderna ocidental, o livro: *A dialética do esclarecimento*. Nessa obra, após analisar o processo de constituição do esclarecimento humano, baseados em relatos históricos como, por exemplo, na *Odisseia*, Adorno e Horkheimer (1985) elaboram uma tese que afirma que o mito já continha elemento de esclarecimento e dialeticamente o esclarecimento acabou por se converter em mito. Nesse sentido, os autores apontam como a modernidade, ao invés de propiciar o esclarecimento aos homens, como vislumbravam os filósofos iluministas, acabou por levar ao que Adorno (2010) posteriormente chamaria de Semiformação. Nessa rica obra, podemos destacar ainda o capítulo mais conhecido, intitulado: *Indústria Cultural o esclarecimento como mistificação das massas*. Nesse capítulo, os autores tecem uma crítica à conversão da cultura popular e da cultura erudita em um produto cultural. Segundo os autores, a cultura passa, com o desenvolvimento dos meios de comunicação em massa, a ser produzida como mercadoria, e nesse sentido é cada vez mais superficial para que possa ser consumida de maneira palatável. Essa situação, por sua vez, leva a acomodação dos sujeitos, podendo o potencial crítico que os elementos culturais possuíam até então.

Esse processo, embora descrito no início da década de 1940 ainda não foi superado. Na verdade, essa situação se acentuou, como nos mostra Türcke (2009), filósofo contemporâneo e continuador do pensamento da Escola de Frankfurt. Em suas obras *Sociedade Excitada e Filosofia do Sonho*, o autor analisa o desenvolvimento da Indústria Cultural e sua disseminação a partir dos aparatos audiovisuais. Nesse sentido, Türcke (2009) alerta para a onipresença dos choques audiovisuais, que a todo momento tentam chamar nossa atenção. Assim, como nos mostra o filósofo, é possível refletir sobre como temos lidado de modo cada vez mais superficial com as produções culturais. Esse modo de lidar com as coisas tem levado, por sua vez, a uma situação que coloca em risco as conquistas culturais humanas, tendo em vista que tem feito com que não nos debruçemos como necessário para compreender e reinventar os elementos culturais. Essa constatação nos mostra pistas para interpretar, entre outras coisas, uma situação bastante comum nos ambientes escolares nos dias atuais: a falta de atenção dos alunos que não conseguem se concentrar por muito tempo em uma tarefa. Desse modo, quando pensamos em educação na atualidade, necessariamente precisamos pensar em algo que nos permita contrapor a essa lógica.

Uma educação nesses moldes necessita buscar formar indivíduos que, entre outras coisas, consigam entender a lógica a que estão submetidos e potencializar nessas formas de resistência. Resistir aqui tem haver com fugir da lógica superficial posta pela Indústria Cultural e aprender se relacionar de maneira mais cuidadosa e crítica com as produções culturais. Nesse sentido essa educação requer a formação de sujeitos capazes de perceber as coisas para além do aparente. É preciso desenvolver a capacidade de fruição nos educandos, ou em

outras palavras essa proposta educacional tem como norte a formação estética. Estética que, como pensado pelos frankfurtianos, diz respeito à capacidade de sentir, observar e perceber as produções culturais de maneira crítica, respeitando aquilo que deve ser preservado e transformado, o que requer mudança. Seguindo essa trilha, e paralelamente retornando ao ponto inicial do trabalho, quando pensamos a tarefa da Educação Física Escolar, podemos refletir sobre a possibilidade de potencializar a partir de seu objeto próprio de conhecimento, a Cultura Corporal, uma formação crítica. É com esse pressuposto que a proposta aqui descrita trabalha. Assim, a formação pensada pelo currículo aqui apresentado dialoga com a ideia de uma formação crítica — e, portanto, necessariamente estética — a partir dos elementos da Cultura Corporal.

Para pensar a relação dos elementos da Cultura Corporal com a estética, tomamos com fundamentação Gumbrecht (2007), autor alemão, residente nos Estados Unidos. Admirador declarado das práticas esportivas, Gumbrecht discute em sua obra *Elogio da beleza atlética*, o potencial estético das práticas esportivas. Partindo da dificuldade dos intelectuais em elogiar os esportes, o autor alicerçado no conceito kantiano de “satisfação desinteressada”, se dispõe a entender o porquê as práticas esportivas geram tanto fascínio na sociedade contemporânea. Assim, Gumbrecht, reflete sobre as práticas corporais tendo como base sua ideia de “estética da presença” que ao invés de buscar conceituar os esportes a partir de categorias externas, busca nas próprias práticas as pistas para compreendê-lo. E é em uma declaração de um ex-nadador, Pablo Morales, que Gumbrecht encontra um conceito para descrever a fruição estética proporcionada pelos esportes: “perder-se na intensidade da concentração”. O autor constrói então uma interpretação singular para o termo, desdobrando dele uma explicação para o modo como nos entregamos ao fruir um espetáculo esportivo. Segundo Gumbrecht, quando assistimos a um espetáculo esportivo, esquecemo-nos de tudo que está ao nosso redor, nos entregando sempre de maneira quase máxima ao que ocorre ali e nos deixando levar sempre pelo inesperado. Esse inesperado, que seria o que mais atrai nos esportes, vem, contudo, dialeticamente acompanhado do esperado. Ou em outras palavras, quando assistimos a um espetáculo esportivo quanto mais compreendemos e tentamos analisar o que ocorre ali, mais estamos entregues ao que não conseguimos prever. Sendo assim, quando falamos de fruição estética da Cultura Corporal, falamos mais uma vez de potencializar um olhar mais atento, sensível e cuidadoso. Isso sem dúvida vai ao encontro de uma educação que permita aos educandos olhar para os elementos da Cultura Corporal para além daquilo que a Indústria Cultural apresenta, e é diante desse imenso desafio que a proposta curricular abaixo foi elaborada.

A proposta

O currículo abaixo foi pensado tendo em vista, além do referencial já discutido, a situação da Educação Física no CEFET-MG campus Timóteo. Isso porque a disciplina, a partir de 2017, passa a ser obrigatória para os dois primeiros anos dos três cursos integrados (Desenvolvimento de Sistemas, Química e Edificações) e optativa para os terceiros anos. Assim, nos primeiros anos a ideia central é desconstruir nos alunos o modo como concebem a Educação Física, tendo em vista que a maioria vem do tradicional modelo de “não aula”. Para isso são trabalhados conteúdos próximos ao dia a dia dos alunos, buscando, contudo, potencializar outro modo de olhar para os mesmos. Já nos segundos anos, a ideia é diversificar o

olhar dos alunos para os elementos da Cultura Corporal, sendo trabalhados elementos que tradicionalmente não são tão comuns aos discentes. Já nos terceiros anos, considerado a opção dos alunos em cursar a disciplina, busca-se um aprofundamento no conceito de esporte, bem como com sua relação com a estética. Essa discussão, no entanto, aparece subentendida em todo o currículo.

Série	Objetivo	Fio condutor	Bimestre	Conteúdo
1 ano	Desconstrução	Regras	1 bimestre	Jogos e brincadeiras
			2 bimestre	Voleibol
			3 bimestre	Dança
			4 bimestre	Atletismo
Série	Objetivo	Fio condutor	Bimestre	Conteúdo
2 ano	Diversificação	Técnica	1 bimestre	MMA
			2 bimestre	Ginástica
			3 bimestre	Esportes de aventura
			4 bimestre	Futebol Americano
Série	Objetivo	Fio condutor	Bimestre	Conteúdo
3 ano	Aprofundamento e autonomia	Táticas	1 bimestre	Futebol
			2 bimestre	Olimpiadas
			3 bimestre	E-sportes e esportes da mente
			4 bimestre	Outros esportes

Figura 1: Estrutura curricular da disciplina Educação Física do CEFET-MG Campus Timóteo.

Os conteúdos trabalhados buscam ainda manter uma tríade no que diz respeito ao modo como são abordados. Essa tríade busca propiciar aos alunos a oportunidade de experimentar os objetos trabalhados, desenvolvendo a capacidade de questionar alguns pontos referentes aos mesmos e potencializando sua transformação. Abaixo seguem algumas imagens referentes a trabalhos realizados, descritos nas legendas.



Figura 2: Aula de futebol americano, momento de experimentação da modalidade.



Figura 3: Aula de slackline proposta pelos estudantes a partir de questão desafiadora sobre as potencialidades de atividades físicas de aventura no espaço do Campus.



Figura4: Variação de voleibol criada pelos alunos depois de trabalharem a evolução das regras do esporte.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A. S. LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (orgs.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2010. (Coleção educação contemporânea).

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento: fragmentos Filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

DAOLIO, J. *Educação Física e o conceito de cultura*. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

DARIDO, S. C. *Educação física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GUMBRECHT, H. U. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras 2007.

TÜRCKE, Cristoph. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Trad. Antonio A. Zuin, Fabio A. Durão, Francisco C. Fontanela, Mario Frungillo. Campinas: Editora Unicamp, 2009.